

A memória do trauma: uma mera impressão?¹

Viviane Louro

Departamento de Neurociências – UNIFESP

viviane_louro@uol.com.br

Resumo: A memória é um dos mecanismos mentais mais importantes para nossa sobrevivência, pois sem memória não há história, nem identidade. O Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) está intimamente ligado à memória, mas ao contrário do que o senso comum imagina, a memória traumática não é a confissão exata do acontecimento traumatizante, mas sim, linhas de impressões moduladas pela percepção e emoção. Sendo assim, esse artigo se propõe a expor brevemente a relação do TEPT com a memória a partir desse viés, bem como, abordar os prejuízos biológicos e funcionais que uma memória traumática pode gerar em uma pessoa. A metodologia utilizada foi revisão da literatura de artigos na área, encontrados nos bancos de dados da Pubmed, Scielo e Lilacs e livros sobre a temática.

Palavras chaves: Memória; TEPT; Trauma;

Abstract: Memory is one of the mental mechanisms most important for our survival, for without memory there is no history or identity. Disorder Post Traumatic Stress (PTSD) is closely linked to memory, but contrary to what common sense might think, the traumatic memory is not exact the confession traumatic event, but rather, lines prints modulated by perception and emotion. Therefore, this article intends to discuss briefly the relationship of PTSD with memory, as well, address the biological and functional losses that a traumatic memory can generate in a person. The methodology used was the literature review of articles in the area, found in the databases of Pubmed, Lilacs and Scielo and books on the subject.

Keywords: Memory, PTSD, Trauma;

¹ Trabalho apresentado para a conclusão da disciplina TEPT e Neurociências do departamento de Psicologia-Psiquiatria da UNIFESP. Segundo semestre de 2013.

Introdução

Não podemos fazer aquilo que não sabemos como fazer, nem comunicar nada que desconhecamos, isto é, nada que não esteja na nossa memória [...] o passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, mas também nos permitem projetar rumo ao futuro, isto é, nos dizem quem podemos ser. [...] O conjunto de memória de cada um é o que se denomina personalidade ou forma de ser [...] a coleção pessoal de lembranças de cada indivíduo é distinta dos demais, é única. [...] A identidade dos povos, dos países e das civilizações provém de suas memórias comuns (Izquierdo 2002: 9 e 10).

Consoante Lent (2010: 644), “a memória é a capacidade que têm o homem e os animais de armazenar informações que possam ser recuperadas e utilizadas posteriormente”. Ela é um dos mecanismos cognitivos mais importantes para nossa sobrevivência, pois sem memória, não temos história e não podemos projetar nosso futuro.

A memória é amplamente estudada na neurociências e na psicologia e bem conhecida na literatura experimental com animais e com humanos e é um dos objetos de estudo do Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT). (Zola-Morgan e Squire, 1990; Quevedo, 2003; Lent, 2010)

O TEPT é dado após a pessoa vivenciar ou testemunhar um ou mais eventos traumáticos e reagir com intenso medo, sendo que os sintomas devem estar presentes por um período superior a um mês após a exposição ao evento traumático, e estar interferindo em diferentes áreas do desenvolvimento provocando prejuízos no funcionamento cognitivo, emocional, social e acadêmico (APA, 2004).

O TEPT envolve uma série de diferentes estados e com o passar do tempo os sintomas podem mudar. Por isso, para o adequado entendimento das consequências do trauma, é importante estar atento às informações advindas dos diferentes grupos de vítimas, pois os resultados de tipos distintos de traumas podem variar consideravelmente (Kapczinski e Margis, 2003).

Estudos tem apontado a relação da memória com o TEPT e como o trauma pode gerar prejuízos neurobiológicos, tanto estruturais quanto funcionais no indivíduo traumatizado, inclusive na memória (Passarela et al., 2010; Schmid et AL., 2013; Bremner e Cols, 2003; Borges e Aglio, 2009).

O senso comum tende a crer que o trauma nada mais é do que a lembrança exata do acontecimento traumático que aterroriza a pessoa incessantemente. Mas, estudiosos da

memória como Sacks, Kandel e Izquierdo, dentre outros, nos mostram que a memória nem sempre é uma lembrança real dos acontecimentos e que o traumatizado vive mais refém das impressões do que do acontecimento exato ocorrido (Moreira e Junior, 2012).

Certamente, isso não diminui o trauma, nem a dor do traumatizado, mas nos oferece um outro ponto de vista que permite se pensar em ações diferenciadas frente essa questão, principalmente no campo da psicologia.

Objetivo, justificativa e metodologia

O objetivo desse artigo é expor brevemente a relação do trauma com a memória, enfocando as questões neurobiológicas e psicológicas envolvidas nesse processo. Sendo assim, o trabalho se justifica, pois se presa a discutir, sob vários pontos de vistas, a relação do TEPT com a memória e com isso, contribuir com as pesquisas na área.

Como metodologia, foi utilizado revisão bibliográfica a partir de artigos das bases de dados do Lilacs, Scielo e Pubmed, bem como, os livros “Memória” (2002) e “A Arte de Esquecer” (2004), ambos de Iván Izquierdo; “Cem bilhões de Neurônios”, de Lente (2010) e “As neurociências cognitivas”, de Fiori (2008).

Resultados e discussão

Uma breve abordagem sobre a memória

Frank e Landeira-Fernandes (2006) coloca que a memória é um processo cognitivo estruturado por um conjunto de operações, com substratos neurais específicos, que respondem a regras de integração com o meio ambiente. Este processo de interação resulta no registro, permanente ou não, de experiências através do tempo e essas experiências podem influenciar pequenas ou permanentes mudanças no comportamento.

A memória pode ser dividida em relação ao *tempo* e ao *conteúdo*. No que tange ao tempo é entendida como memória de curtíssimo prazo, de curto prazo, de longo prazo e de longuíssimo prazo.

A memória de curtíssimo prazo é responsável pelo armazenamento muito rápido (na ordem de alguns milissegundos), geralmente com uma representação auditiva ou visual. Na memória de curto prazo, o armazenamento da informação é mais duradouro (na ordem de minutos). Já a memória operacional, ou de trabalho, é um tipo de memória de curto prazo que dá condição para a manipulação de informações armazenadas de forma

consciente, seria um tipo de memória “on line”, que nos permite permanecer conectados com a realidade e nos ajuda a relacionar as coisas de forma prática (Izquierdo, 2004).

A memória de longo prazo está relacionada com informações que foram consolidadas e armazenadas por um período de tempo bem mais longo (na ordem de dias e meses). Finalmente, memórias de longuíssimo prazo podem ficar armazenadas por um período de tempo quase que ilimitado. São informações que foram consolidadas e podem ficar armazenadas por praticamente toda uma vida (Mc Gaugh, 2000).

A divisão da memória segundo o *conteúdo* refere-se à organização das informações hierarquicamente estruturadas em relação ao momento, ao local e ao contexto onde foram adquiridas. Neste sentido, a memória pode ser episódica ou semântica. A memória episódica refere-se ao passado, sendo mais específica em termos do contexto e do tempo, ou seja, onde e quando. A memória semântica é voltada para o presente e contém o acervo de fatos e informações sobre o mundo do indivíduo, desde o conjunto de conhecimentos sobre sua linguagem, vocabulário, regras de gramática, como conceitos e significados diversos dentro de sua cultura (Izquierdo, 2002).

Além disso, há o sistema de memória que independe de processamento consciente. Destaca-se aí a memória perceptual, que se refere ao julgamento de familiaridade, o fenômeno de pré-ativação que permite o processamento não consciente de informações anteriormente percebidas, e a memória de procedimento, que é responsável pelo armazenamento de habilidades sensório motoras (Frank e Landeira-Fernandes, 2006).

A memória passa por etapas de operações relacionadas ao processamento de seus múltiplos sistemas. Estas etapas são, respectivamente, *codificação*, *consolidação* e *evocação*. A codificação refere-se às operações de elaboração da informação para serem armazenadas, com duração limitada e permite a retenção da informação para a elaboração e armazenamento. A consolidação é o processo em que a memória se fixa e a evocação é a etapa de acesso ao material armazenado. As vias cerebrais de evocação não são as mesmas onde estão armazenadas as informações. A região primariamente responsável pela *evocação* é a região frontotemporal e do *armazenamento*, áreas corticais mais posteriores. Assim como, os circuitos das memórias de curto e longo prazo, igualmente diferem; diferença esta que também ocorre com a memória declarativa e não declarativa (Fiori, 2008).

A memória é um sistema e não uma estrutura, pois não existe um local único onde ela é processada, mas sim, relações neuronais que na comunicação constante entre elas e o meio, possibilitam nossas lembranças. Como descrevem Greenberg e Rubin (2003), a estrutura da memória é algo extremamente elaborado, mas algumas regiões ligadas à ela

já foram mapeadas. Sabe-se, por exemplo, que o lobo frontal e temporal tem função na associação complexa e na formação de novas memórias, na consciência do eu e na autoidentidade. O envolvimento da região frontal e suas conexões com o lobo temporal permitem a seletividade por inibição e ativação. O gerenciamento do processamento pelas vias frontais coordena a experiência de evocação consciente de dados do passado acionando seletivamente padrões relevantes e inibindo os irrelevantes (Mc Gaugh, 2000).

O Cortex pré-frontal esquerdo está relacionado com a recuperação da memória semântica e tem um papel específico na recuperação de informações verbais. Já o córtex pré-frontal direito intervêm na recuperação de tarefas simples e ambos os córtex trazem à tona lembranças de tarefas complexas. Izquierdo (2004: 21) coloca que o “hipocampo é a principal estrutura do sistema nervoso dos mamíferos envolvida tanto na formação como na evocação das memórias”. A parte anterior do hipocampo atua na codificação das informações da memória episódica e a parte posterior, na recuperação da memória episódica (Fiori, 2008).

A memória também envolve passagem por estruturas da região límbica do cérebro, em especial a amígdala, que tem uma função peculiar na modulação emocional e no realce da informação para um armazenamento com as propriedades emocionais (Fink et al, 1996; McGaugh, 2000).

Para que o aparato da memória ocorra de forma eficaz é necessário uma série de moduladores hormonais, que facilitam a formação de memórias agindo sobre mecanismos específicos nas áreas do cérebro. Gravamos melhor momentos em que há maior liberação desses hormônios, como por exemplo, situações de ansiedade extrema, onde o organismo libera muita dopamina e noradrenalina. A evocação das memórias, dependem de algo denominado “dependência de estado”, isto é, o estado hormonal e neuro-humoral do momento, ou melhor dizendo, quanto mais o estado atual se pareça com àqueles em que memórias similares foram adquiridas, melhor será a evocação do conteúdo retido. Em suma, na iminência de um ato sexual, liberamos hormônios sexuais, antes de um almoço, liberamos hormônios gástricos, isto seria a dependência de estado (Izquierdo 2004).

Memória e trauma

De acordo com Lent (2010: 647): “os sistemas de memória só permitem a aquisição de alguns aspectos mais relevantes para a cognição, mais marcantes para a emoção, mais focalizados pela nossa atenção e mais fortes sensorialmente”. O que não se enquadra nessas condições, se perde no tempo.

No livro “A arte de esquecer”, Iván Izquierdo (2004) coloca que tão importante quanto a memória é o esquecimento. Seria impossível uma vida em que lembrássemos absolutamente de tudo o que nos aconteceu com todo requinte de detalhes. Levaríamos uma vida toda para recordarmos o que de fato vivemos. Por isso, o cérebro potencializa o que é mais relevante e mais utilizado e compila os outros fatos, de forma que lembremos deles mais como uma impressão, um “trailer” do que aconteceu, do que de fato do acontecimento na íntegra.

Izquierdo (2004) coloca que existem 4 tipos de esquecimento: a extinção, repressão, bloqueio e esquecimento. A extinção e repressão seriam formas de tornar as memórias menos acessíveis, mas sem nos esquecermos de fato delas; as outras duas formas seriam esquecimentos reais, sendo uma por bloqueio e a outra por deterioração e perda da informação, chamada de esquecimento.

Muitas das memórias são perdidas por desuso, mas outras, por desaparecimento das mesmas, seja por morte celular ou por perda dos prolongamentos sinápticos correspondentes, axônios e dendritos, mas apesar dessas perdas, as memórias acumulam-se em forma crescente ao longo da vida, embora fiquem menos eficiente com o passar do tempo. Lent (2010: 647) completa que além desses esquecimentos, que são normais na vida de todos, há os problemas patológicos da memória, como a *amnésia*, quando há esquecimento em excesso ou a *hiperminésia*, quando há “esquecimento de menos”, isto é, retenção demasiada de informações, de forma que a pessoa não diferencia aspectos relevantes dos irrelevantes, nos acontecimentos.

Com a idade, temos cada vez mais memórias novas, mas também, cada vez mais memórias antigas fragmentadas ou ausentes (Izquierdo, 2004). Pelas palavras de Sacks (2013: online):

Desconfio de que o esquecimento atinja a todos e que isso seja especialmente comum nas pessoas que escrevem, pintam ou compõem, pois a criatividade talvez exija tais esquecimentos para que nossas memórias e ideias possam renascer e ser vistas em novos contextos e perspectivas.

Pesquisas em animais de laboratório e em seres humanos têm mostrado que memórias dotadas de forte conteúdo emocional são mais facilmente lembradas que memórias neutras (de coisas corriqueiras ou sem importância). Isso se dá, segundo Graeff (2003), devido à ação de hormônios e neurotransmissores, que são liberados por ocasião das emoções e que promovem a consolidação dos traços de memória. Como afirma Quevedo (2003: 25):

Vários estudos em humanos e animais têm demonstrado que a formação da memória é facilitada por um sistema modulatório endógeno, mediado pela liberação de hormônios de estresse e pela ativação da amígdala cerebral. Esse sistema é adaptativo em termos evolutivos, permitindo o reforço de memórias importantes para a sobrevivência. Em condições de estresse emocional, esse mesmo sistema pode levar à formação de memórias vívidas e duradouras, características do TEPT.

Izquierdo (2002) enfatiza que nossa memória pessoal e coletiva descarta o trivial e, às vezes, incorpora fatos irrealistas. Na verdade, a memória é um mecanismo vivo, em que nossas lembranças, contadas e recontadas, fazem parte de uma narrativa subjetiva, como enfatiza Sacks (2013, online): “a memória é dialógica e nasce não só da experiência direta, mas também da intercomunicação de muitas mentes.”

De acordo com Moreno e Junior (2012), a noção de trauma está relacionada à problemática da memória desde as primeiras teorizações freudianas acerca da histeria, que relacionava o traumático à ideia de ruptura e dissociação psíquica devido a grande quantidade de excitação originadas do recalque. A partir da mudança teórica caracterizada por novas observações e estudos, o trauma passou a se relacionar ao excesso pulsional ligado a um psiquismo despreparado, não se constituindo como lembranças de fato.

Portanto, a memória não respondia mais ao modelo do recalque, mas ao da apresentação de impressões sensíveis, tanto nos sonhos traumáticos como nos momentos de vigília. Como coloca Moreno e Junior (2012: 51): “consideramos que o traumático deixa suas marcas sob a forma de impressões traumáticas, sinais de um processo energético aos quais uma qualidade psíquica rudimentar vem se ligar”.

A memória, dentro desse ponto de vista, estaria na ordem da substituição, guardando pouco da percepção e do evento original. As impressões seriam marcas de um processo energético, mas não exatamente a lembrança do acontecimento real. Segundo Botella (2002), o trauma não consiste na simples repetição do pavor nem numa verdadeira repetição da percepção do acontecimento que o ego sofreu de maneira passiva, mas em uma tentativa de ligação que o ego faz para evitar o pior. Seria uma retomada alucinatória da lembrança de uma percepção simultânea à interrupção do afeto.

O trauma seria um vazio psíquico, constituído pela desconexão da percepção à ausência de investimento do objeto. É como se o choque tomasse de surpresa o psiquismo, no momento em que não há inervação suficiente para investir no sistema pré-consciente e em seu escudo protetor. Ocorreria, portanto, uma eliminação da comunicação consciente e o ego se repartiria em uma parte imitadora do acontecimento violento e com isso, haveria uma repetição autoimitadora da reação emocional que se experimentou (Moreira e Junior, 2012).

Isso vem de encontro com estudos da neurociência em relação ao trauma e a memória. Consoante Peres e Nasello (2005), o encéfalo não armazena realmente memórias, mas traços de informação que serão usados para reconstruir as memórias, nem sempre representando o que foi factualmente vivenciado no passado. Além disso, um evento traumático ou emocional recuperado, pode ser submetido a uma mudança cognitiva modulada pelo emocional. De acordo com Graeff (2003) o TEPT leva a dois defeitos nos processos psicobiológicos da memória: consolidação excessiva e falsa rotulação.

Sacks (2013), coloca que já houve descrições e acusações de abuso na infância em que foi demonstrado, pelo menos em alguns casos, que tais acontecimentos foram insinuados ou plantados por outros, através de uma combinação de uma testemunha sugestionável (muitas vezes uma criança) com uma figura de autoridade (talvez um terapeuta, professor, assistente social ou investigador). Assim como, é comum relatos de plágios de músicas e contos, sendo que os autores não se lembravam de terem lido ou ouvido algo que os sugestionassem à composição da obra.

De qualquer forma, não existe uma maneira fácil de distinguir uma memória verdadeira de uma “não tão verdadeira assim” e mesmo que a recordação seja falsa, isso, muitas vezes, em nada modifica a sensação de uma experiência vivida de fato ou a dor que tais recordações possuem dentro de um contexto traumático.

Uma pesquisa sobre abuso sexual infantil e TEPT, mostrou que algumas crianças e adolescentes com TEPT esforçam-se para evitar pensamentos, sentimentos, atividades e lugares relacionados ao evento traumático ou que propiciem sua lembrança. Por outro lado, outras tem dificuldades para relembrar o evento, enquanto muitas, vivem baseadas na lembrança traumática. Ou seja, não importa a reação, percebemos a relação da memória diretamente ligada ao trauma (Passarela et al, 2010).

O TEPT e os prejuízos na memória

No TEPT há alterações cognitivas importantes, sobretudo no campo da memória. As memórias traumáticas tornam-se indelévels, sendo resistentes à extinção. Podem ser intrusas, interrompendo o sono e os pensamentos, e são evocadas por estímulos remotamente ligados à situação original (Graeff 2003: 23).

Há múltiplas evidências indicando que o eixo simpático adrenal, ligado à reação de defesa, está hiperativado no TEPT. O excesso de catecolaminas, sem o pareamento do aumento dos corticóides promoveria uma consolidação excessiva das memórias traumáticas e a indevida generalização para outras situações estressantes (Graeff, 2003).

Estudos de neuroimagem evidenciam uma redução do volume hipocampal no TEPT e apontam prejuízos neurobiológicos, tanto estruturais quanto funcionais. É comum problemas na percepção corporal de crianças traumatizadas, devido a violência e maus tratos. Crianças vítimas de abuso, negligência e desnutrição podem ter rebaixamento da percepção da dor em momentos de tensão, bem como, desenvolverem doenças psicossomáticas ainda na infância ou na vida adulta (Schmid et al, 2013).

Pesquisas com neuroimagem indicam a presença de prejuízos no hipocampo, hipotálamo, amígdala, córtex pré-frontal e giro cingulado anterior de pessoas com TEPT (Bremner e Cols.,2003). Estas regiões estão implicadas na regulação emocional, aprendizagem, atenção, controle executivo e também na memória. Em relação aos déficits cognitivos associado ao TEPT, os estudos indicam um baixo desempenho na memória verbal declarativa, memória imediata, além das habilidades visuoespaciais, atenção sustentada e em funções executivas (Borges e Aglio, 2009).

É comprovado que estímulos estressantes presentes no meio ambiente podem prejudicar o funcionamento da memória graças a alterações estruturais e químicas do cérebro e que a melhora da memória através da psicoterapia pode estar relacionada a ganhos no metabolismo cerebral (Frank e Landeira-Fernandes, 2006).

Anderson et al (2004) observaram que adultos vítimas de abuso sexual na infância, manifestaram mudanças na morfologia cerebral assim como certos distúrbios de memória. O estudo aponta que provavelmente alterações nos fatores de crescimento cerebral, gerados pelo desequilíbrio dos neuro-hormônios, causariam essa mudança morfológica no cérebro.

Pesquisas com veteranos de guerra que apresentam TEPT, mostraram aumento da ativação no giro do cíngulo anterior ventral e na amígdala direita, e redução da atividade na área de Broca. Um estudo utilizando o mecanismo da neuroimagem em veteranos de combate com e sem TEPT (e sujeitos de controle saudáveis), demonstrou que apenas sujeitos com TEPT tiveram ativação na amígdala esquerda em resposta aos sons de combate e não ativação da amígdala ao escutarem sons neutros (Peres e Nasella, 2005).

Rauch et al (2002) demonstraram que indivíduos com TEPT reagiram à apresentação de rostos assustadores com maior ativação da amígdala comparado ao grupo controle. Outros indivíduos com TEPT, expostos às suas narrativas personalizadas de trauma, indicaram relação diferenciada entre os hemisférios, com lateralização direita ao evocarem memórias traumáticas.

Memória e trauma social

A relação da memória com o trauma pode ser observada também do ponto de vista sócio-cultural e não somente no sentido pessoal e biológico. Inclusive, foi devido a grandes acontecimentos traumáticos que o Transtorno do Estresse Pós Traumático (TEPT) ganhou estatuto oficial, em 1980, na terceira edição do DSM. Do coletivo ao individual, o TEPT foi assim denominado, a partir da consciência da violência da guerra que atribuiu um sentido a determinado tipo de sintomas, o que foi identificado como memórias traumáticas (Martins, 2013).

As memórias traumáticas de grandes acontecimentos sociais, são retratadas em várias obras e essas descrições são fundamentais, pois permite muitas reflexões e discussões a cerca da função e importância dessas memórias para a continuidade e crescimento da humanidade.

O escritor e químico italiano Primo Levi passou um longo ano de sua vida no campo de concentração entre 1944 e 1945. Uma vez libertado do campo, ele publicou suas memórias no livro *É isto um homem?* em 1947. Mas ele, segundo Soares (2012) sempre se questionou se valia a pena resgatar e registrar o que viveu no campo. Pensava que havia uma espécie de dever de memória que poderia resultar num legado para as gerações futuras, evitando que barbáries como essa voltassem a ocorrer. Mas sentia também a necessidade do esquecimento, tamanho foi o trauma vivido e a vergonha daquilo que os seres humanos chegaram a fazer com outros seres humanos.

Martins (2013) comenta que o uso das memórias de guerras e acontecimentos históricos marcantes são essenciais no processo ativo na construção de sentido e de produção de narrativas. As memórias nunca são meros registros do passado, são antes, reconstruções interpretativas que carregam a marca das convenções narrativas locais, dos pressupostos culturais, das formações e práticas discursivas, e dos contextos sociais de recordação e comemoração.

No fundo, a memória das grandes tragédias da humanidade acabam por ter duas funções: a de possibilitar reflexões sobre o acontecido e, quem sabe, colaborar para a evolução da humanidade, no sentido de tentar evitar, a partir de Leis ou outras iniciativas, a repetição de tais barbáries; em segundo, colaborar na recuperação da dignidade de quem passou por esses momentos traumáticos.

Soares (2012) realça essa segunda questão ao comentar que no campo de concentração a pessoa se perdia, não sabia mais quem ela era ou o que ela foi e que por isso, os sobreviventes precisavam de quem os ouvisse. Depois do campo, o testemunho funcionava como uma forma de autoconhecimento, uma possibilidade de voltar a ser o

mesmo, deixar de ser um número e se reencontrar como humano: “o sobrevivente sente que ele é o seu testemunho. O testemunho é uma forma de assinatura. Escrevendo sobre sua vida e sobre si mesmo, o sobrevivente de alguma forma se reencontra” (Soares, 2012: 918, 927).

Portanto, há um impasse, enfatizado por Soares (2012). Por um lado há a necessidade do traumatizado de rememorar o acontecido e afirmar, mais a si do que aos outros, o quanto ele foi capaz de suportar e sobreviver ao ocorrido, com o intuito de que isso o reerga, o resgate e o integre novamente ao seu ser. Por outro lado, há a vontade de se esquecer de tudo, como colocado pelo Primo Levi.

Considerações finais

Enfim, “cada um de nós é quem é porque tem suas próprias memórias” (Izquierdo (2004: 10) e por isso precisamos, além de cuidar bem dela, através de treino constante, termos consciência de que nem sempre o que lembramos é a absoluta verdade.

Como abordado, o trauma e a memória estão intimamente ligados. O traumatizado vive em função de uma impressão vivida modulada pela emoção do momento traumatizante, ele fica estagnado na ruptura psíquica da emoção com a percepção. Além disso, algumas funções da memória podem ficar prejudicadas depois de um TEPT.

De qualquer forma, independente da memória ser verídica ou somente uma impressão ou compilação dos fatos ocorridos, isso não alivia o sofrimento psíquico do traumatizado, pois, a memória traumática, tanto coletiva-cultural, como pessoal, não se apaga.

A memória pode ser resignificada, pode ser utilizada como fonte de reivindicações futuras ou como processo de amadurecimento pessoal e coletivo. Bem como, pode gerar mudanças radicais na vida das pessoas, vide casos comuns de indivíduos que após, por exemplo, perderem filhos em acidentes ou doenças, criam Ongs com propósitos humanitários a fim de evitar os mesmos acontecimentos com outros ou mesmo amparar novas vítimas. De um certo modo, essas iniciativas são formas de tentar resignificar o trauma, amadurecer diante da dor e dar um sentido àquela violência, violação ou perda vivida, seja ela qual for. É um jeito de dar sentido à memória que se torna uma sombra eterna na alma do traumatizado.

Bibliografia

ANDERSON, M. C. ET ALL. **Neural systems underlying the suppression of unwanted memories.** *Science*. Vol. 9, pg. 232. EUA – Washington DC, 2004.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders** (4a ed.). Washington, DC: Autor, 1994.

BORGES, J. AGLIO D. **Funções cognitivas e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em meninas vítimas de abuso sexual.** *Aletheia*. Vol. 29, pg. 88-102, jan./jun., 2009.

BOTELLA, C. e BOTELLA, S. **Irrepresentável, mais além da representação.** Porto Alegre (RS): Editora Criação Humana, 2002.

BREMNER, J. D & COLS. **MRI and PET study of deficits in hippocampal structure and function in women with childhood sexual abuse and posttraumatic stress disorder.** *American Journal of Psychiatry*. Vol. 160 (5), pg. 924-932, 2003.

FINK, G. R. ET ALL. **Cerebral representation of one's own past: neural networks involved in autobiographical memory.** *Journal of Neuroscience*. Vol. 16, pg. 4275-4282. EUA, Washington DC, 1996.

FIORI, Nicole. **As neurociências cognitivas.** Tradução: Sonia Fuhrmann. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FRANCK, Jean. LANDEIRA-FERNANDEZ. **Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica.** *Psic. Clin.* Vol.18, n.1, P.35 – 47. Rio de Janeiro, 2006.

GRAEFF, F. **Bases biológicas do transtorno de estresse pós-traumático.** *Revista Brasileira de Psiquiatria*. Vol. 25 (Supl I), pg. 21-4, 2003.

IZQUIERDO, I. **Memória.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **A Arte de Esquecer. Cérebro, Memória e Esquecimento.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

KAPCZINSKI, F. MARGIS, R. **Transtorno de estresse pós-traumático: critérios diagnósticos.** Revista Brasileira de Psiquiatria. Vol. 25 (Supl I), pg. 3-7, 2003.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios?:** conceitos fundamentais de neurociências. 2ª Ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

MARTINS, B. **Guerra e memória social: a deficiência como testemunho.** Fractal, Revista Psicologia. Vol. 25 – n. 1, pg. 3-22, Jan./Abr, 2013.

MCGAUGH, J. **Memory – a century of consolidation.** *Science*, Vol. 287, pg. 248-251. EUA, Washington DC, 2000.

MORENO, Maria M. A. JUNIOR, Nelson E. C. **Trauma: o avesso da memória.** *Ágora.* Vol. XV n. 1, pg. 47-61. Rio de Janeiro, Jan/Jun2012.

PASSARELA, C. M. ET AL. **Revisão sistemática para estudar a eficácia de terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes abusadas sexualmente com transtorno do estresse pós-traumático.** Revista Psiquiatria Clínica. Vol. 37(2), pg. 60-65, 2010.

PERES, J. NASELLO, A. **Achados da neuroimagem em transtorno de estresse pós-traumático e suas implicações clínicas.** Revista Psiquiatria Clínica. Vol. 32 (4), pg. 189-201, 2005.

QUEVEDO, J. et al. **Consolidação da memória e estresse pós-traumático.** Revista Brasileira de Psiquiatria. Vol. 25 (Supl I), pg. 25-30, 2003.

RAUCH, S.L.; WHALEN, P.J.; SHIN, L.M. et al. **Exaggerated Amygdala Response to Masked Facial Stimuli in Posttraumatic Stress Disorder: a functional MRI study.** *Biology Psychiatry.* Vol. 47(9), pg. 769-776, 2002.

SACKS, O. **Quando as lembranças nos pregam peças.** Tradução: Clara Allain. Folha de São Paulo – ilustríssima. Disponível em: <

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/05/1284622-quando-as-lembrancas-nos-pregam-pecas.shtml>> em 25/05/2013. Acesso em 01/10/2013.

SCHMID, ET AL. **Developmental trauma disorder: pros and cons of including formal criteria in the psychiatric diagnostic systems.** BMC Psychiatry, 2013.

SOARES, G. **Os tormentos da memória: trauma e narrativa nos escritos de Primo Levi.** Varia História. Vol.28, n. 48, pg.911-927. Belo Horizonte: Jul/Dez 2012.

ZOLA-MORGAN, S. SQUIRE, L. R. **The neuropsychology of memory. Parallel findings in humans and nonhumans primates.** Annals of the Academy of Science of New York, n. 608, pg. 434-456. EUA, Washington DC, 1990.